

■ A VIDA ■
NO TEMPO
do café

ESCRavidÃO E MODERNIZAÇÃO NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Artur José Renda Vitorino

3ª edição atualizada

Coordenação:

Marly Rodrigues

Maria Helena Simões Paes

Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Biografia



Arquivo do autor

Nascido em Três Fronteiras (SP) em 1964, Artur Vitorino graduou-se em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde também obteve seu mestrado e seu doutorado. É professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de História da PUC-Campinas, onde desenvolve pesquisas sobre ensino de História da África e da cultura afro-brasileira.

Para Miguel, meu filho.

Agradecimento

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelo apoio financeiro às pesquisas que realizei sobre o Brasil do século XIX.

SUMÁRIO

Introdução: Bate-papo inicial 4

1. O fardo imposto pela escravidão 5
Igualdade: só depois da morte!..... 5
A escravidão e o tráfico negreiro..... 7
Hábitos do Brasil escravista e imagem do país no exterior 7

2. A modernização nos centros urbanos ... 9
Os centros urbanizados..... 9
A febre do consumismo após o fim do tráfico negreiro 10
O impacto causado pelo barco a vapor..... 10
Nos trilhos, o progresso..... 13

3. Dos pés à cabeça: um mundo em transformação 15
A importância social do sapato 15
Os pedreiros e a construção civil..... 18
O cardápio de todo dia e a conservação da carne verde..... 19
Os matadouros de gado 20
Modernização: até para os cemitérios!..... 20
As modificações na rede de esgotos 22
Desenvolvimento da imprensa no Brasil... 23
Fiat lux: da iluminação a gás à iluminação elétrica 25

4. Fábricas e proletários no século XIX 27
A produção artesanal e manufatureira após 1808..... 27
A modernização do trabalho no século XIX: a escravidão e os operários livres..... 31
O fim da escravidão não significou a valorização do trabalho..... 34

Conclusão: Que país é este? 35

Apêndice

Cronologia..... 36
Para saber mais..... 37
Bibliografia..... 38
Leituras complementares..... 39

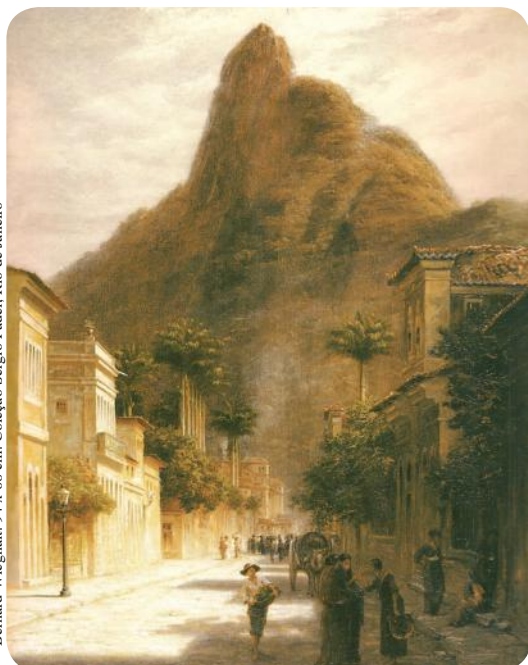
Visconde de Mauá. Óleo sobre tela de Édouard Viénot, c. 1872. Coleção Roberto Paulo César de Andrade, Rio de Janeiro



Retrato de Antonia, escrava africana alforriada, feito por Lins & Firmino. Fundação Joaquim Nabuco, Recife



Rua São Clemente, Rio de Janeiro, 1884. Óleo sobre tela de Bernard Wiegandt, 94 x 68 cm. Coleção Sérgio Fadel, Rio de Janeiro



INTRODUÇÃO:

BATE-PAPO INICIAL

Para nós, parece bastante natural iluminar um ambiente com luz elétrica, tratarmos-nos com antibiótico, viajar de avião, ligar o computador e ficar “surfando” pela internet, ouvir nossa música preferida em um dispositivo de som móvel, telefonar para um amigo que está bem longe, passar por uma porta que foi aberta por um mecanismo acionado por células fotoelétricas, alimentarmos-nos com produtos que sofreram mutações genéticas. Enfim, é enorme a lista de tudo o que a ciência e a tecnologia produziram. O poder da ciência parece tão grande que o homem está conseguindo criar artificialmente uma segunda natureza. A clonagem, por exemplo, tornou realidade algo antes impossível: a imitação e a posterior alteração da produção da vida. Muitos filmes de ficção científica têm, entre seus personagens, homens e mulheres quase perfeitos, produzidos artificialmente por meio de manipulação genética. O que não passava de ficção científica tem tudo para tornar-se realidade em um futuro bem próximo, graças ao processo de clonagem.

Cada vez mais as inovações tecnológicas estão presentes em nossa vida cotidiana. De forma tal que toda uma parafernália tecnológica faz parte do nosso ambiente. Consideramos tão normal abrir uma geladeira, andar de carro ou fazer um depósito bancário *on-line* quanto ver o Sol que nasce e se põe dia após dia, ou observar uma árvore que nasce, cresce e frutifica. Está tão incorporado ao cotidiano esse contato com os aparelhos elétricos ou eletroeletrônicos que parece que eles sempre existiram, que no passado as coisas também eram assim.

No entanto, no passado, as coisas eram bem diferentes. É claro que você sabe disso! Mas é difícil imaginar um mundo em que não havia chuveiro elétrico,

nem mesmo chuveiro, água encanada e eletricidade; automóveis movidos a combustível; geladeiras para conservar os alimentos; televisão para assistir aos programas favoritos; e outras coisas comuns aos dias de hoje.

O objetivo deste livro, leitor, é voltar ao passado para mostrar que no Brasil do século XIX ocorreu um processo de difusão do progresso técnico. Essas mudanças começaram a ser implementadas após a independência política do Brasil, em 1822, e ganharam força a partir de 1850, quando foi extinto o tráfico de escravos africanos para o Brasil.

Naquele momento, o país crescia economicamente e procurava se modernizar, sem, no entanto, abrir mão da escravidão, que vinha influenciando a formação de todos os setores da vida nacional havia três séculos. Mesmo com a abolição definitiva da escravidão, em 1888, o acesso à terra para grande parte da população continuou praticamente impossível. Além disso, as classes dominante e dirigente do país nada fizeram no sentido de facilitar o ingresso dos ex-escravos no mercado de trabalho. Enfim, o que este livro pretende mostrar é que a riqueza produzida com a escravidão colocou o Brasil na rota da modernização, mas que essa mesma escravidão impediu a difusão dessa modernização para todas as classes no Brasil do século XIX.

Na reconstituição do processo de modernização ocorrido no Brasil durante o século XIX, citamos diversos documentos que, por terem sido produzidos na época, são denominados fontes primárias. Esses documentos, que são a base do trabalho do historiador, devem ser lidos com especial atenção, pois nos permitem perceber como era o passado.

O FARDO IMPOSTO PELA ESCRAVIDÃO

Igualdade:
só depois da morte!

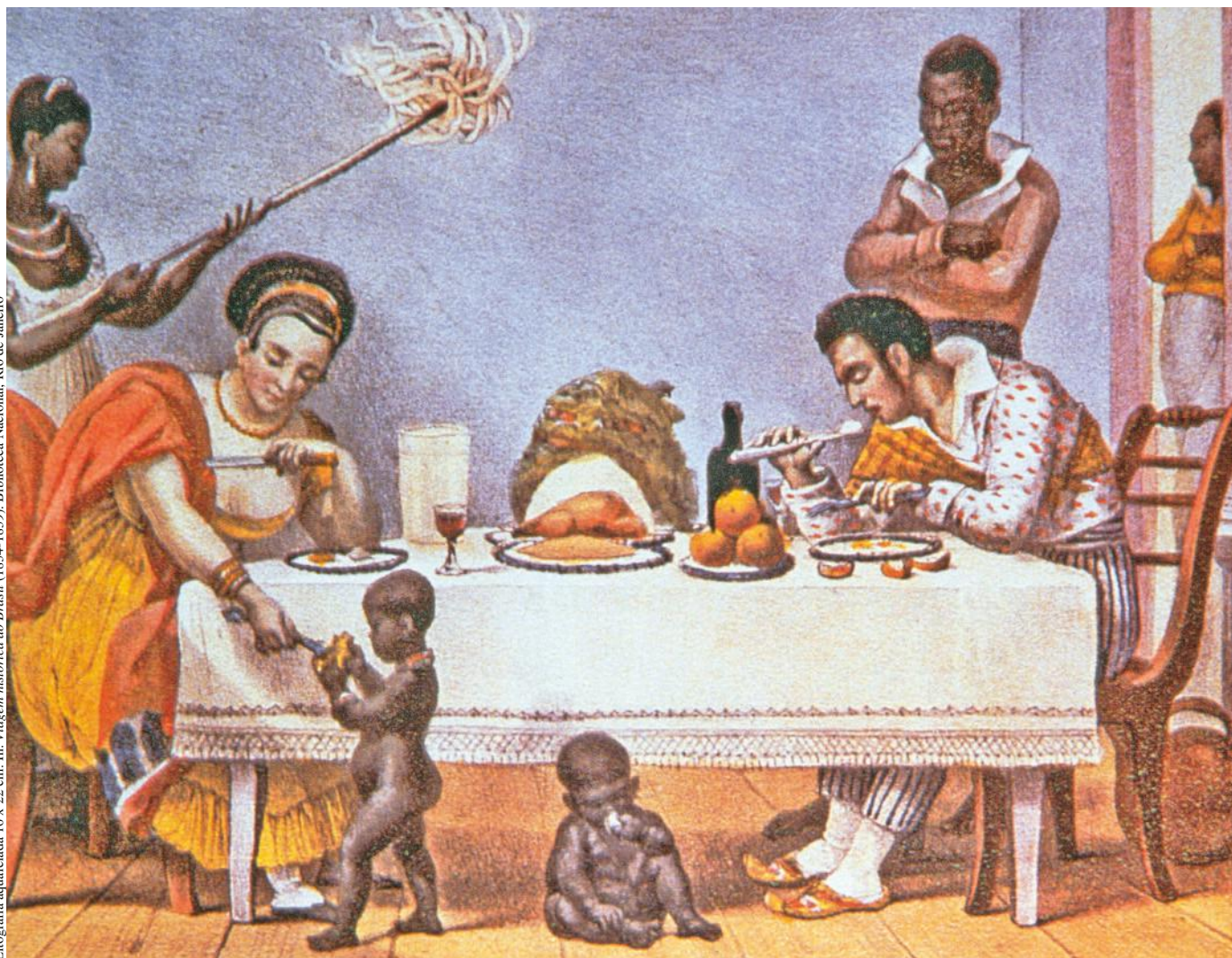
A sociedade brasileira do século XIX era marcada pela desigualdade.

Na sociedade brasileira organizada sob a escravidão existia uma divisão hierárquica rígida e polarizada. Por isso as pessoas procuravam se distinguir umas das outras pelo modo de se vestir, por gestos e comportamentos específico, entre outros artifícios. Assim, cada grupo social possuía características próprias.

Para entender como funcionava essa sociedade, vamos imaginá-la como um grande prédio. As pessoas que ocupavam os andares de cima eram poucas, possuíam muitos bens e tinham condições de vida muito boas; eram consideradas superiores. Nos andares intermediários e inferiores, estavam quase todas as pessoas que compunham essa sociedade; elas quase não tinham bens e eram consideradas inferiores. Os que ocupavam os andares intermediários eram vistos e tratados pelas pessoas do andar de cima como iguais às pessoas do andar inferior, os escravos.

Nessa sociedade era quase impossível alguém de baixo “subir”, mudar a vida para melhor. Entendia-se que pertencer ao grupo superior dependia de berço, da origem da família. Isso tudo era reforçado por determinações jurídicas que davam a certas pessoas uma condição de superioridade diante das demais.

Numa crítica à rígida e polarizada divisão hierárquica que estruturava a sociedade escravista da época, o poeta Antônio José dos Santos Neves (1827-1874) dizia que somente debaixo da terra, depois de mortas, as pessoas tornavam-se iguais, não



Retratada pelo pintor Jean-Baptiste Debret (1768-1848), esta cena de refeição demonstra a situação dos escravos na sociedade brasileira do século XIX. Litogravura intitulada Jantar no Brasil (1823).

existindo a partir daí nenhum tipo de hierarquização. Em um trecho de um longo poema, reproduzido a seguir, o poeta se expressava da seguinte maneira:

Capitalistas ilustres, e milionários
[...]
Olhai, lá vão além daquela igreja
Que cheio têm de há muito o cemitério,
Aqueles corpos mortos em fileira;
Vede, uns vão em redes envolvidos,
Em lençóis remendados mortalhados,
E outros vão guardados em caixões
Tão ricos como os cofres que deixaram;
[...]
Que quer isto dizer? É que eles foram

Na vida desiguais, e iguais na morte
Vão ser agora mesmo: – vermes, bichos
Imundos, como as carnes de seus corpos!

(*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1850, p. 2.)

Destaca-se, no poema, esse aspecto fundamental da sociedade brasileira do século XIX: a desigualdade social, juridicamente estabelecida, entre as pessoas. Nessa sociedade escravista, uma pessoa (o senhor), ao se tornar proprietária de outra (o escravo), assumia por lei o direito de usufruir como bem entendesse sua posse.

Nessa sociedade, como dizem os versos, as pessoas tornavam-se iguais somente depois da morte!